

Até que pensei, no que manda o Ministério da Saúde: "aprecie com moderação". Mas evitar veneno doce é difícil. E dessa vez não teve jeito. Conheci-a numa tarde simples, dessas que a gente nem memoriza direito. Está certo que eu estava sentado no meu banco de jardim preferido, lendo o meu jornal que, aliás, nem sei por quê. Deve ser vício, costume ou teimosia. Férias solitárias das quais nem poderia reclamar. A ressaca braba, proveniente dos excessos da noite anterior já havia passado. Prometo há muito tempo, para mim mesmo, não misturar cachaça com cerveja. Mas, sabem, como diz a piada: "Eu não bebo, mas quando eu começo a beber me transformo em outra pessoa, e essa outra pessoa bebe demais". Fazer o quê? Na semana passada, por exemplo, acordei ao lado de uma mulher estranha para mim. Olhei para o criado-mudo e havia uma peruca de mulher repousando galantemente. Vejam que eu, mesmo sendo "calvo de topo" nunca gostei sequer de ver uma peruca. Me dá arrepios. E isso desde o tempo em que tinha cabelos em abundância, na cabeça é isso que estou dizendo. Bons tempos de "sexo, cachaça e rock and roll". Mas dizia que acordei com os olhos mirando aquela imagem. Olhei para o lado, deitada sob lençóis, uma mulher com a cabeça coberta. Falei para o Universo, colocando as mãos na cabeça, a minha de cima, - Meu Deus dos céus! Que tornado passou por essa noite?. Tive autocontrole suficiente para, lentamente, levantar o lençol. A companhia tinha cabelos curtíssimos e quem me conhece de perto sabe que gosto e sempre gostei de mulheres com cabelos compridos. Acredito que as deixem mais femininas e emoldurem melhor suas faces. É gosto meu e não discuto. Pois é! Estava ali, uma mulher que usava perucas, daí ter me "iludido" com seus cabelos longos de sua peruca. O problema naquela manhã, quase madrugada pois ainda não passava das 10 horas, era que eu não tinha a menor idéia de quem era ela. Comecei a tentar lembrar. Só comecei, pois a dor de cabeça latejava as têmporas. Puxei uma aspirina infantil da gaveta, mastiguei-a e senti um aclaramento das idéias. Lembrei-me do Juca no "Luar de Cuba", meu barzinho predileto, amigo do Tomás, que havia trazido uma amiga para "dar uma palhinha" no intervalo do conjunto. Ah! Era ela, então...mas, refrescando a memória, àquela altura da noite eu já estava com a visão embaçada e aí é que mora o perigo, eu sei. Ou deveria saber. Porque quando a mulher, que tinha um corpo até que equilibrado, mostrou a sua face com os olhos borrados, num "bom dia" gentil, eu tive vontade de sair correndo. Paciência. O que estava feito, estava feito! A dificuldade para manter a elegância de cavalheiro estava no bafo que ela emanava e eu já não estava mais anestesiado. Porém, consegui convencê-la a levantar-se, tomar um banho (que pareceu durar uma eternidade), do qual esquivei-me ao ser convidado para ser parceiro, e (eu sempre tenho escovas de dente descartáveis) principalmente escovar os dentes. Talvez melhor seria dizer a ela para escovar a boca inteira, mas seria também uma deselegância que eu não comporto. Achava, naquele momento, depois de ingerir mais 4 aspirinas, todas a seco, que quando ela estivesse arrumada, maquiada, o quadro iria melhorar. Que decepção comigo mesmo. Mesmo de peruca, coitada dela e coitado de mim, estando eu sóbrio, ela seria sempre "muito respeitada" por mim. Enquanto pensava nisso, ingeri mais duas aspirinas e fiquei buscando lembrar se pelo menos as sacanagens teriam sido boas. A Eclotilde (era esse o nome dela) comentou que eu havia desmaiado após "umazinha" como ela disse. E me convidava, para uma "revanche". Disse-lhe, educadamente, que estava com uma ressaca danada. Era verdade. Mas também é verdade que tenho um histórico que mostra minha "disposição" para as belas deusas. Não era o caso. Nem poderia ser. Levei-a até sua casa, em plena luz do dia. Se algum amigo meu me visse naquela situação acharia que era assalto, mas tudo bem. Tudo bem nada, o que eu estava contando mesmo era que, lendo o meu jornal, aquela seria mais uma tarde comum, não fosse Ana Maria. Ana Maria! Eh! Ana Maria! Passou por mim com seus olhos esverdeados, de saia curta, em seus 16 anos. Eu sei, eu sei! Há uma legislação em vigor. Também sei que os invejosos e as invejosas pedem a pena máxima. São desmemoriados por intenção própria, porque querem negar a Natureza. Oh! Ignorâncias! Além dos invejosos, também tem os impotentes, as anômalas e os celibatários, os celibatários "gays" e os "gays" celibatários, ou "o que vencer primeiro". Aliás, olhando para a Natureza, não há como desculpar os celibatários, de um jeito ou de outro. Já imaginou você plantar uma mandioca e ela dizer "não vou germinar, porque sou celibatária"? Não há como!

De outro lado, temos que ver a história do celibato, inventado por Agostinho em sua Diocese de Hipona, que instado pelas preocupações vaticanistas com a herança dos párocos, proibiu o casamento dos padres. Idéia engenhosa. Sabe-se que um padre, digamos assim, mas seriam "apostolares" ou coisa do gênero, se instalava numa comunidade que construía para ele acomodações e doava terrenos para a sua família. Quando o pregador morria, a herança ficava para sua mulher e seus filhos, como vigia o direito romano. Isso causava complicações para a comunidade e para as Dioceses. A solução foi inventar a história do celibato, fundamentado em que não havia escritos que atestassem que o Mestre houver tido vida sexual. Está bem! É assunto polêmico, sabemos, mas "Deus se fez homem" e, bolas, humanidade rima com sexualidade, não é mesmo? Ademais, para ser Rabi, qualquer judeu sabe, deve-se ter mulher. Alguns textos extrabíblicos falam de uma relação com Maria Madalena. Há que acrescentar-se que Pedro, por exemplo, era casado e, por isso, tinha sogra. Está lá no Livro, é só procurar. Por isso, dizem os teólogos mais humorados, Pedro negou o Mestre: em determinado momento o Mestre curou a sogra dele. Sei lá! Vai saber que tipo de relação o pescador tinha com a sogra, não é verdade? Voltando à Ana Maria, ah! Ana Maria! O pessoal que me conhece sabe que gosto de prorear, ainda mais animado por uma mulher. E Ana Maria, me desculpem os invejosos e/ou os puritanos de plantão era uma mulherão. Passou ali, me olhou, voltou e perguntou se ali na praça passava o ônibus para o Conjunto dos Bancários. Não podia perder a dica. Perguntei-lhe se ia o Banco. Ela sorriu. Pra quê! Trajava uma blusa colada aos seios. Mamilos em destaque que apontavam os céus. Ela deu trela pra minha conversa genérica, sobre cigarros e isqueiros, pães e padarias etc. E ela sorria, meu Deus! Ela sorria para mim e eu me entusiasmava. Tirei o celular do bolso e perguntei se ela poderia posar para uma foto que eu colocaria como Plano de Fundo no meu computador. Veio mais uma deixa: "fundo é? você vai por no fundo né?", com um sorriso maroto. Aproveitei e falei para ela manobrar o corpo e deixar que fotografasse seu traseiro. Ela gostava da brincadeira com a câmera embutida do celular. Ela pediu para ver o aparelho. Outra deixa, não é mesmo. A menina perguntou para mim se podia pegar meu aparelho. Eu respondi, como deveria. Disse que mostraria o meu, se ela mostrasse o dela. O clima passou a ser mais próximo, mais agudo, mais íntimo e, naturalmente, safado. Ela me mostrou o dela, o celular. Ficamos nesse troca-troca de celulares por alguns instantes. Aí, eu perguntei se ela queria que eu a levasse até o Banco no meu banco do carro. Essas coisas. Ela ria, brincava também com as palavras e aceitou! Atravessamos a praça e fomos até a Portaria do meu prédio. Os porteiros são, posso dizer, amigos, embora me tratem sempre com um respeitoso "Sr. Joséfe" daqui e dali. Como em qualquer lugar desse mundo, havia uma fofoqueira de plantão junto à guarita. Apresentei Ana Maria em voz mais alta do que costume como minha sobrinha. Eu sei! Eu sei! Há uma legislação em vigor, mas e o meu "vigor", como é que fica? Subimos pelo elevador social, porque tinha que pegar as chaves do carro. Isso eu dizia da boca pra fora. Lá, nos recônditos da mente, a estratégia já estava desenhada. Abri a porta quando chegamos ao meu andar. Aliás, isso me recorda aquela do cara que veio do interior, chegou na portaria do prédio e disse que queria falar com o Zeferino. O porteiro perguntou qual o andar dele. O cara contorceu-se e mancando disse: "é mais ou menos, assim". Ana Maria, assim que adentrou o apartamento, não resistiu ao grande espelho que há na sala. Ficou mirando-se. Armadilha certa no lugar certo. Não falha. Se a mulher se olha e dá uma simples encarada em si mesma, o que é normal, vai dar trabalho, mas se fizer como Ana Maria, que virou-se, olhou a bunda, ajeitou a blusa, virou-se mais uma vez, aí, está resolvida. Tanto é que não ficou surpresa quando me aproximei por detrás dela e coloquei suavemente meu abraço sobre seus seios. Nos olhamos e ela virou-se para mim. Um beijo pequeno a princípio, para em seguida se transformar numa frenética caça às línguas. Não iríamos nos conter, então, todo mundo sabe do jogo divertido, ou deveria saber. Seus seios, já à mostra eram doces pra criança. Minhas mãos e as dela se esbarravam entre os movimentos. Ela parecia vibrar quando estava nua, do tipo desejos de lua cheia. Minha boca buscou então seus lábios mais sensíveis e, com a língua, saboreei todos os lugares. Ela chupava uma bala de hortelã e ainda com ela na boca, lentamente deslizou para o "zequinha" numa excursão fantástica, mantendo os seus nos meus olhos fixados. Senti uma mistura quente-fria com aquela bala de hortelã. Ana Maria, natural, expunha-se como queria e nós queríamos nos desfrutar.

A dado momento, ela e eu no sofá, brincávamos de cavalo e garupa. E, depois, a cada ato, em novos quadros, entre beijos eletrificados, nos lambuzamos em nossas diversões e ficamos nos amando até anoitecer. Às vezes ela me apertava com força em cada estocada. Depois, brincamos de miados, de latidos e até de mugidos. Nos amarramos com cordas suaves, já era madrugada, e ela era princesa, vadia ou maga, fazendo mágicas em todos os lugares. Quando amanheceu, após o terceiro banho, ela se vestiu. Depois, tirou peça por peça fazendo uma dança sensual. Outra vez nos despejamos, nos derramamos, nos espargimos, dobrando-se e movendo-se. Comemos o pão de ontem, acompanhado de um café fresco que eu fiz. Outra vez nos dobramos, nos ajoelhamos, sentindo o máximo, nos enterramos, nos fartamos, sem se fartar, e em seus seios cativantes eu queria ficar o resto da vida. Mas escureceu novamente e ela perguntou que horas eram. Eu, que aí já não sabia ler horas, entreguei o pequeno despertador do quarto para ela. Ela deu um salto e quase gritou: "minha mãe vai me matar!" Essas palavras me tiraram do entorpecimento. Fiquei pensando na pena que poderia pegar. Contei os crimes, verifiquei que não teria o que alegar. Ela, ligou o celular, telefonou para a mãe, falando e chorando, disse que tinha sido seqüestrada. Meu Senhor e Meu Deus! Castigo divino, só podia ser. Mas que depois havia sido libertada. Pelo teor da conversa, ela tentava demover a mãe a não ir à polícia. Lembrei-me da frase num banheiro de Santa Cruz de La Sierra, inscrita ao lado do mictório: "ora por San Angulo, para lo que tengo en mis manos, no lo tenga en su culo", mais ou menos isso. Dei um tapa no celular dela que voou longe. O celular, reafirme-se. Ela fez beicinho. Eu peguei o celular desligando-o. Lembrei da Wilma, que me devia favores e disse pra ela que eu iria naquele momento para o andar dela pelo meu celular. Ela disse que estava com uma amiga. Amiga! Todo mundo sabe que ela tinha diversas amantes. Até uma vez, no elevador, cantei uma delas. Tomei um safanão e gastei um bocado para consertar meus óculos. Tudo bem, quem não arrisca, caça com gato, ou coisa parecida, não é? Peguei Ana Maria pelos braços e subi até o apartamento de Wilma que já estava de porta aberta, a da sala, diga-se. Entrei com Ana Maria arrastada e falei como uma metralhadora em campo de guerra. Disse que, pra todos os efeitos legais, civis e religiosos Ana Maria passara o tempo todo com ela. Pra ela dizer pra mãe, delegado e o escambau que a menina tinha vergonha de ser lésbica e tinha inventado a estória de seqüestro. Ana Maria, com seus olhos verdes brilhantes arregalados, concordou. Wilma, nem tanto assim na aparência, acabou aqui escendo. E ligou para a mãe dela, depois de várias tentativas, conseguindo falar. Wilma é boa de papo, ademais com mulheres. Tem um jeito pra coisa que é inato. Depois de fala-que-eu-te-escuto, discussões via telefônica, após alguns minutos, tudo se acalmou. Wilma me disse que era melhor eu sair de lá rapidinho. Foi o que eu fiz. Isso já tem uns dois anos, mais ou menos. Hoje, quando subi pelo elevador, Ana Maria estava, como todas as noites indo para o apartamento de Wilma. Elas moram juntas! Acho que não convenci! Paciência! Vou ler o jornal agora com as notícias de ontem à noite. Fazer o quê? Melhor do que processo e cadeia. Eu acho!